

O COPISMO NA ALFABETIZAÇÃO

Amanda Silva¹

Maria Cecilia Martínez Amaro Freitas²

Resumo

O fato de saber ler e escrever no processo de alfabetização não significa, necessariamente, compreensão do significado dos códigos. Esse processo, para alguns, pode simplesmente apresentar-se de forma mecânica. Nesse sentido, o presente estudo, de cunho bibliográfico, visa analisar porque algumas crianças se tornam copistas mesmo passando pelo processo de alfabetização. Para tanto, inicialmente define-se o copismo, logo se analisa por que as crianças copistas não conseguem aprender a ler e atribuir significado ao que escrevem e, finalmente, discute-se como deve ser conduzido o processo de alfabetização para não gerar alunos copistas. A partir da pesquisa, depreende-se como é necessário que se desenvolvam estudos e pesquisas sobre a temática para que o professor possa compreender com maior clareza como o aluno chega ao copismo e poder tomar medidas de intervenção para que ele não se apresente; o método fônico mostrou-se como uma forma muito relevante para evita-lo, sem contudo desconsiderar os outros métodos de alfabetização, pois a aplicabilidade deles deve atender as especificidades do aluno.

Palavras-chave: Copismo. Leitura. Escrita. Professor.

INTRODUÇÃO

A qualidade da educação no país apresenta-se como um desafio constante para estudiosos e pesquisadores. São muitas as variáveis que interferem no rendimento educacional das crianças.

O Ministério da Educação (MEC) realizou em 2016 a Avaliação Nacional De Alfabetização (ANA), através do Sistema De Avaliação Da Educação Básica (Saeb), em aproximadamente 48 mil escolas da rede pública de educação, avaliando em leitura e escrita cerca de 2.160.601 estudantes matriculados no 3º Ano do Ensino Fundamental.

¹ Acadêmica graduanda do curso de Pedagogia da UniEVANGÉLICA; 2020-2

² Mestre em Linguística Aplicada. Professora do ISE/UniEVANGÉLICA, Orientadora da Pesquisa

A partir dos resultados da avaliação foram considerados cinco níveis em escrita: 1, 2 e 3 como elementares, 4 como adequado e 5 como desejável, constatando que 66,15% dos estudantes estão nos níveis 4 e 5 (adequado e desejável) e 33,95% nos níveis 1, 2 e 3 (elementares). Em leitura foram considerados 4 níveis: 1 como elementar, 2 como básico, 3 como adequado e 4 como desejável. Apenas 47, 27% dos alunos estão nos níveis 3 e 4 (adequado e desejável), e 54, 73% dos alunos ainda estão nos níveis 1 e 2 (elementar e básico). Dentre os estudantes que ainda não estão nos níveis adequados e desejáveis, não foi especificado se são copistas, analfabetos funcionais ou porque eles não atingiram os níveis esperados.

O copismo é um tema bastante desprezado pelos educadores e pelo governo, a maioria dos educadores nem sequer sabe o que ele representa, pois existem poucas pesquisas realizadas e quase nenhum dado coletado especificamente sobre este tema. Como os professores podem proceder ao se deparar com o copismo em sala de aula, sem sequer saber o seu conceito? É isso que ocorre atualmente nas escolas, sem saber como agir e o que fazer a respeito, os alunos copistas seguem negligenciados, tendo suas vidas e comprometendo o seu futuro escolar e profissional.

Diante desse contexto, o presente estudo, de cunho bibliográfico, analisa porque algumas crianças se tornam copistas mesmo passando pelo processo de alfabetização. Para tanto, inicialmente define-se o copismo, logo se analisa por que as crianças copistas não conseguem aprender a ler e atribuir significado ao que escrevem e, finalmente, discute-se como deve ser conduzido o processo de alfabetização para não gerar alunos copistas.

1. O copismo

O nível de desenvolvimento de uma comunidade está intimamente relacionado ao nível de escolarização que ela apresenta. Assim sendo, observa-se no estudo uma importante forma de promoção social. Sua base encontra-se na alfabetização que, quando bem sedimentada, proporciona a possibilidade de crescimento intelectual. Parte-se do princípio de que um aluno alfabetizado é capaz de escrever e ler com autonomia e compreensão. Entretanto, é possível detectar alunos que passaram pelos bancos escolares e não adquiriram bem a competência em escrever e compreender a leitura de

textos, mesmo simples, considerados analfabetos funcionais como Valdivelso (2006 p. 123 a 129 apud NASCIMENTO et all 2013, p. 38) definem: “[...] o termo analfabetismo funcional (functional illiteracy) refere-se aos cidadãos com limitada capacidade de leitura, escrita e cálculos intrínsecos à vida social e profissional contemporânea, mas que tiveram acesso ao sistema de educação formal”.

Nesse contexto apresenta-se um fenômeno presente nas escolas, preocupante, recorrente, mas pouco observado, o copismo. Alunos copistas são aqueles capazes de fazer cópias de forma perfeita, ter noção espacial do caderno e não cometer erros gramaticais, entretanto somente quando estão copiando da lousa ou de um livro por exemplo, porém, o fazem sem atribuir nenhum sentido ao que é copiado, fato que incapacita a leitura e a compreensão do que copiam (TEMPLE; SOUZA 2007).

O copismo é de difícil percepção, pois se o aluno realiza as cópias e faz as atividades em sala de aula, por se considerar apenas a escrita realizada, acredita-se que o mesmo já está alfabetizado. O ato de desconsiderar os aspectos construtivos também contribui para agravar a situação, uma vez que não é averiguado no ato da escrita as representações e significados que estão sendo atribuídos pelos alunos à esta ação, o que a torna mecanizada e sem sentido (FERREIRO, 1985). Os alunos copistas acreditam, que ao copiar já estão realizando o dever deles, como afirmam Temple e Souza (2007, p. 144 e 145)

Apesar de algumas vezes não realizar a cópia, a maioria das atividades passadas na lousa eram copiadas, porque essa era a tarefa que os alunos copistas haviam internalizado, era o que eles sabiam fazer, copiar. Durante a pesquisa, ficou muito claro que os alunos sabiam que não conseguiam escrever sozinhos, mas em alguns momentos pareciam acreditar que sabiam escrever quando copiavam. Em algumas observações, percebemos que depois de copiar o que estava na lousa, os alunos copistas sentiam-se satisfeitos por terem terminado de fazer suas obrigações, pois quando perguntávamos se eles não iam fazer os exercícios, eles afirmavam que já tinham terminado.

Uma possível explicação para tal fenômeno se dá segundo Vygotsky (1987) ao afirmar que o indivíduo só consegue imitar algo que está dentro da sua zona de desenvolvimento proximal e que já tenha capacidades intelectuais suficientes para desenvolver tal habilidade. Portanto, o ato de copiar consiste em uma imitação e só é possível executá-la se já se possui intelecto para compreendê-la como podemos analisar em Vygotsky (1987 apud CHAIKLIN 2011, p. 668).

Uma criança não é capaz de imitar qualquer coisa (1998b, p. 201; 1987, p. 209). A imitação é possível somente até o limite e naquelas formas em que é acompanhada pelo entendimento (Vygotsky, 1997a, p. 96). “É bem estabelecido que a criança só pode imitar o que se encontra na zona de suas potencialidades intelectuais” (Vygotsky, 1987, p.209). Imitação refere-se a “todas as formas de atividade de determinado tipo realizadas pela criança (...) em cooperação com adultos ou com outra criança” (1998b, p. 202) e inclui “tudo o que a criança não pode fazer de forma independente, mas que pode ser ensinado ou que ela pode fazer sob direção ou em cooperação ou com a ajuda de perguntas-guia (1998b, p. 202)

Portanto, o aluno que imita a escrita, copiando-a, está na zona de desenvolvimento proximal das habilidades de ler e escrever. Se o aluno já possui intelecto suficiente para desenvolver esta habilidade, ou ele não a imitaria, então por que ele não consegue escrever sozinho, nem ler e compreender o que copia? Segundo Chaiklin (2011, p. 668), baseado nos estudos de Vygotsky (1987)

O pressuposto crucial é que a imitação é possível porque (a) as funções psicológicas em maturação são ainda insuficientes para sustentar um desempenho independente, mas (b) desenvolveram-se o suficiente para que (c) uma pessoa possa entender como servir-se das ações colaborativas (perguntas-guia, demonstrações, etc.) de outra. A presença dessas funções em maturação é a razão da existência da zona de desenvolvimento próximo.

A leitura e escrita autônoma exigem mais que habilidades motoras, é necessário dar significado as representações alfabéticas. Esta reflexão evidencia a importância de um processo de alfabetização investigativo e avaliador visando o desenvolvimento do aluno a partir da identificação da sua zona de desenvolvimento proximal, e mostra o quanto as intervenções pedagógicas corretas são essenciais. Este fenômeno tem, segundo Temple e Souza (2007, p. 49 e 50), as seguintes características:

[...] O aluno que desenvolveu a habilidade de escrever, mas não avançou à compreensão da linguagem escrita, que permaneceu apenas nesse momento de cópia. Os alunos copistas são capazes de copiar as atividades apresentadas pelo professor com bastante habilidade; conhecem algumas letras, sabem nomeá-las, mas não sabem ler. Também não sabem escrever quando solicitados que executem a atividade sozinhos. [...] O copismo é a produção pedagógica de alunos que são capazes de escrever-copiar, na aparência os alunos estão escrevendo, mas a essência dessa escrita é apenas uma atividade de cópia. É possível produzir o fenômeno do copismo quando o ensino da linguagem escrita limita-se às habilidades motoras necessárias para a escrita.

A partir destas características podemos identificar o copismo, o que geralmente ocorre de forma tardia, já no 3º ou 4º ano do Ensino Fundamental, pois se o aluno já

copia as atividades acredita-se que ele já esteja alfabetizado. Uma das possíveis justificativas para este fenômeno segundo Cruz e Costa (2008, p.128 e 129) é

uma possível justificativa para este grupo de crianças serem capazes de escrever e não ler suas produções, é que as mesmas utilizam habilmente a via fonológica, ou seja, buscam transformar sons em letras (princípio da escrita) e letras em sons (princípio da leitura). Entretanto, este processo inicial parece suficiente para a escrita, uma vez que possibilita a comunicação. Já na leitura, a comunicação não ocorre, pois, a atenção da criança está muito dirigida à decodificação letra-som, comprometendo o acesso ao significado e, conseqüentemente, o objetivo primordial da leitura (compreensão) não é alcançado. Este estudo inicial demonstrou que o desenvolvimento da via lexical pode ser uma ótima alternativa, pois garantiu maior fluência na leitura e possibilitou a comunicação para este grupo.

Nesse sentido, é muito importante estar atento ao sentido da ação (escrever), para que ela não se torne apenas uma tarefa, uma obrigação da escola, pois se o aluno não é capaz de ler, internalizar e compreender, escrever é algo vazio e sem sentido, expressando a vertente singular como veremos abaixo. Já na vertente social existem diversos aspectos que ultrapassam os limites da escola e influenciam na aprendizagem dos alunos, como as classes sociais e as políticas públicas, que desencadeiam um sistema de educação sujeito as margens de uma sociedade capitalista. Tudo reflete a situação que estamos focalizando e nos leva ao fenômeno estudado, como podemos ver de acordo com Rubino e Fragelli (2006, p. 01)

A criança copista, ao reproduzir a escrita do outro sem poder lê-la, manifesta um sintoma que tem ao mesmo tempo uma vertente social e uma vertente singular. De um lado, uma escola que solidifica a exclusão em relação ao conhecimento e, de outro, um sujeito que se apresenta em uma posição particular que produz impedimentos no acesso à escrita, uma vez que a produção da escrita alfabética exige atravessamentos lógicos de âmbito subjetivo.

Diante do exposto, compreende-se que o copismo, tal como o analfabetismo funcional é um fenômeno social preocupante que atinge muitos alunos. Assim sendo, é necessário analisar o contexto em que ele acontece para identificar os aspectos geradores e como trata-lo.

2. Como se chega ao copismo?

Embora todos os alunos de uma turma passem pelo mesmo processo de alfabetização, alguns podem apresentar características de copismo. O que acontece que leva o aluno a copiar e não conseguir escrever ou ler espontaneamente? A teoria

apresentada por Rubino e Fragelli (2006) defende que para aprender a usar a linguagem alfabética, o aluno precisa desassociar a imagem (desenho) com os quais as letras do alfabeto se parecem, para assim associar a letra ao seu som, para poder atribuir sentido a escrita e ser capaz de ler, pois o copista apenas copia os signos que para ele possuem outro significado.

Segundo Rubino e Fragelli (2006 p. 04)

Na escrita hieróglifa, por exemplo, o desenho de um gato não representa mais esse animal. "Gato" entra na composição de uma palavra mais complexa a partir do seu *valor sonoro*. Na escrita alfabética esse princípio também deve ser seguido, pois, caso estejamos presos ao desenho de cada letra, não poderemos ler ali nada além de formas; ao invés da letra S, veríamos, no máximo, o desenho de uma minhoca. A operação que torna isso possível ao sujeito é o recalque da imagem.

Para aprender a ler e a escrever espontaneamente é necessário que o aluno entenda que as palavras são uma representação gráfica de unidades sonoras (FERREIRO, 1985). No processo de alfabetização ao observar um aluno escrevendo uma palavra ditada, nota-se que ele a repete em voz alta ou mentalmente e recorre ao alfabeto procurando o som das letras e sílabas que as representam, para em seguida escreve-la. Ao fazer essa associação, ele fará concomitantemente a ressignificação dos códigos alfabéticos que o levará ao insight sobre a leitura e escrita. Ferreiro (1985, p. 8), sobre o processo de escrita afirma que:

A escrita pode ser considerada como uma representação da linguagem ou como um código de transcrição gráfica das unidades sonoras. [...] A invenção da escrita foi um processo histórico de construção de um sistema de representação, não um processo de codificação.

De acordo com Cruz e Costa (2008) o aluno copista ao copiar não passou pela ressignificação, mesmo conhecendo as letras e sílabas, como é o caso de muitos copistas, eles se prendem a decodificação e codificação do alfabeto, perdendo o significado das palavras neste ato. A associação das letras ao seu som na via fonológica é essencial no início da alfabetização, pois ajuda o aluno a dar significado as palavras, pois ele ainda não se apropriou da via lexical, na qual é possível identificar as palavras no ato de lê-las, pois, o seu significado já está internalizado. Até uma pessoa já alfabetizada ao se deparar com uma palavra que desconhece, a lê buscando mentalmente o seu significado, pois este ainda não está internalizado, usando a via

fonológica (CRUZ e COSTA, 2008). Para explicar este processo Rueda (1995 apud CRUZ e COSTA 2008, p.122 e 123) citou a proposta de Jorm e Share

O modelo proposto é chamado de *modelo dual*, pois descreve duas vias independentes para explicar como o leitor enfrenta a leitura de palavras. (...) durante a leitura intervêm e interatuam duas vias de identificação da palavra: a via fonológica (b) e a léxica (a). Leitores competentes utilizam habilmente as duas vias. A via fonológica, também chamada de subléxica ou indireta, é frequentemente usada no início da alfabetização e na leitura de palavras desconhecidas, pressupondo a associação das letras aos seus sons. Dessa forma, o reconhecimento de palavras supõe a mediação da linguagem oral, pois concebem a palavra por tal modalidade, mas não na forma escrita. A leitura não é necessariamente acompanhada de significado (c)^{10,11}. Por sua vez, na via léxica, também chamada de visual ou direta, o reconhecimento e o acesso ao significado ocorrem simultaneamente, como se a escrita de uma palavra fosse o seu desenho^{10,11}.

Desviando o olhar do aluno e partindo para a escola, podemos citar diversos aspectos que contribuem de forma severa a este cenário. As salas de aula lotadas, que sobrecarregam os professores, comprometendo o seu rendimento e, conseqüentemente, a aprendizagem dos alunos, professores cansados e desmotivados devido a salários baixos, má infraestrutura da escola, pouco apoio da sociedade e do governo que os incumbiu a missão de ensinar e educar além do que lhe é devido. Ainda podemos citar alunos de classe social mais baixa, que frequentam a escola, mas devido a problemas familiares financeiros mal tem o que comer, e onde morar. Podemos compreender então porque Temple e Souza (2007, p. 48), consideram o copismo como produto do fracasso da escola

É encontrando a escola sucateada e sem cumprir sua função social de possibilitar o acesso das crianças aos bens culturais construídos pela humanidade, que podemos pensar em pesquisar o que chamamos de “produto do fracasso da escola”: os alunos copistas.

Ao analisar o copismo depreendemos que os alunos copistas não leem ou escrevem por não dar significado as formas alfabéticas e percebemos que existem tópicos a serem mudados ou melhorados no processo de alfabetização para evitar que mais alunos se tornem copistas e auxiliar os que já são.

3. A alfabetização que não gera o copismo

O processo de alfabetização contém várias metodologias e didáticas, que envolvem diversos aspectos desde a organização da sala de aula até a prática do professor, portanto é importante que os professores alfabetizadores conheçam e entendam os métodos de alfabetização, e tomem decisões em relação a quais usar e quando usar, baseados no desenvolvimento e capacidade dos seus alunos, para a aprendizagem de todos, como Frade (2005, p. 16) pontua

Entendemos que os termos metodologias e/ou didáticas da alfabetização se referem a um conjunto amplo de decisões relacionadas ao como fazer. Para nós, decisões metodológicas sobre procedimentos de ensino são tomadas em função dos conteúdos de alfabetização que se quer ensinar e do conhecimento que o professor tem sobre os processos cognitivos dos alunos, quando estes tentam compreender o sistema alfabético e ortográfico da linguagem escrita e seu funcionamento social. Além de o professor alfabetizador precisar entender os métodos clássicos de alfabetização, precisa ainda tomar decisões relativas a diversas ordens de fatores. Seu trabalho implica decisões relativas a métodos, à organização da sala de aula e de um ambiente de letramento, à pesquisa sobre práticas culturais de escrita na família e na comunidade, à definição de capacidades a serem atingidas, à escolha de materiais, de procedimentos de ensino, de formas de avaliar, sempre num contexto da política mais ampla de organização do ensino.

Percebemos então que o processo de alfabetização envolve diversos métodos, livros didáticos e vertentes teóricas, e que a prática pedagógica do professor é muito relevante neste contexto. Prática esta que ele adquire por meio de suas próprias experiências em sala de aula, analisando o que realmente funciona e o que não é tão eficaz assim. Entretanto, isso pode causar um problema, porque mesmo seguindo os mesmos documentos curriculares e métodos de alfabetização, isto acaba gerando um processo de alfabetização com características singulares que podem interferir de forma positiva ou negativa no processo de aprendizagem dos alunos. Caso seja negativa, pode causar déficits na alfabetização, como o copismo (FRADE, 2005).

Um dos principais métodos de alfabetização é o método global, que é inviável quando o objetivo é evitar o copismo, pois ele sugere que se dê acesso a textos grandes e complexos, para que a criança sozinha faça as assimilações necessárias para compreendê-lo, como afirmam Capovilla e Capovilla (2007, p. 6)

O método global prega que a alfabetização deve ser feita diretamente a partir de textos complexos, que devem ser introduzidos logo ao início da alfabetização, antes que a criança tenha tido a chance de aprender a decodificar e a codificar, sendo que não há um ensino explícito e sistemático das correspondências grafema-fonema, pois se espera que a criança sozinha perceba tais relações.

Partindo do pressuposto da afirmação anterior, a criança primeiramente precisa aprender a codificar e a decodificar, isto se dá através do método fônico, e então ela poderá atribuir sentido ao que lê e escreve. Visto que um dos déficits no processo de alfabetização dos alunos copistas é a falta de associação das unidades sonoras às letras e sílabas, ato que leva a ressignificação do sistema alfabético, pontuaremos a relevância do método fônico no processo de alfabetização para evitar que alunos se tornem copistas e auxiliar os que já são, pois segundo Capovilla e Capovilla (2007, p. 6)

[...] o método fônico afirma que o texto deve ser introduzido de modo gradual, com complexidade crescente, e à medida que a criança for adquirindo uma boa habilidade de fazer decodificação grafofonêmica fluente, ou seja, depois que ela tiver recebido instruções explícitas e sistemáticas de consciência fonológica e de correspondências entre grafemas e fonemas.

Ao fazer essa associação a criança compreende que o sistema alfabético representa a linguagem oral. Mas como se dá o processo muito citado acima que consiste em “atribuir significado ao que se lê e escreve?” Soares e Batista (2005, p. 20) afirmam que

A linguagem verbal se realiza por meio de signos linguísticos. Quando dizemos ou ouvimos palavras como SAPO e MESA, utilizamos signos linguísticos. Esses signos possuem sempre duas faces, como as moedas. Uma das faces é o significado, ou a ideia que formulamos ao falar ou escutar as palavras SAPO e MESA. A outra face é o significante, ou aquele conjunto de sons articulados, ao qual associamos um significado. Por exemplo: ao ouvirmos ou pronunciarmos o signo SAPO, associamos os sons [s]+[a]+[p]+[u] (o significante) a seus significados; dependendo do contexto, um animal anfíbio ou uma coisa difícil de aceitar, como na frase: Tive de engolir vários sapos hoje. Ao ouvirmos ou pronunciarmos o signo MESA, associamos os sons [m]+[e]+[z]+[a] (o significante) a seus significados. Móvel com um tampo e pés, destinado a fins utilitários (comer, jogar, estudar...), por exemplo.

Ainda nesta perspectiva, destacamos como a consciência fonológica se mostra eficaz em auxiliar o aluno no processo de alfabetização. Ao se apropriar dela, a criança pode começar a compreender como a escrita é a representação da língua oral e, a partir de então, entender como as palavras são formadas e como podem ser manipuladas para compor frases. Como podemos ver, segundo Freitas (2003, p. 156), ela possibilita que a criança avance o seu entendimento a respeito da língua escrita:

A consciência fonológica pressupõe a capacidade de identificar que as palavras são constituídas por sons que podem ser manipulados conscientemente. Ela permite a criança reconhecer que as palavras rimam, terminam ou começam com o mesmo som e são compostas por sons individuais que podem ser manipulados para a formação de novas palavras.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) também faz considerações acerca do processo de alfabetização e confirma que é necessário que os alunos façam a assimilação entre as letras e o som das palavras, e ainda destaca a importância da consciência fonológica, como podemos ver abaixo (BRASIL, 2017, p. 90)

Para isso, é preciso conhecer as relações fono-ortográficas, isto é, as relações entre sons (fonemas) do português oral do Brasil em suas variedades e as letras (grafemas) do português brasileiro escrito. Dito de outro modo, conhecer a “mecânica” ou o funcionamento da escrita alfabética para ler e escrever significa, principalmente, perceber as relações bastante complexas que se estabelecem entre os sons da fala (fonemas) e as letras da escrita (grafemas), o que envolve consciência fonológica da linguagem: perceber seus sons, como se separam e se juntam em novas palavras etc.

Ao escrever ou ler o processo é parecido, é necessário atribuir significado (ideia/conceito) aos significantes (letras/símbolos), ato que só é possível após conseguir codificar e decodificar o sistema alfabético. Entretanto somente isto não garante ler e escrever com autonomia e fluência. Pois um leitor e escritor fluente possui automatismos que facilitam este processo de construção de significados em textos complexos, como Soares e Batista (2005, p. 40) pontuam

Um outro ponto importante a destacar diz respeito ao domínio do processo de leitura e da compreensão do que se lê. A perspectiva cognitivista considera que o desenvolvimento da fluência em leitura – quer dizer, o desenvolvimento de um processamento automático de palavras e unidades do texto – é uma importante dimensão do processo de alfabetização. A questão é a seguinte: se o leitor tem sua atenção voltada para decodificação de cada unidade das palavras de um texto, ele sobrecarrega sua memória a ponto de dificultar a compreensão. O desenvolvimento de automatismos na leitura de palavras evitaria essa sobrecarga, deixando o leitor livre para voltar sua atenção para processos mais complexos, relacionados à compreensão do sentido de palavras, trechos e textos.

Outra vertente relevante no processo da aquisição da leitura e da escrita é a postura e as intervenções realizadas pelo professor durante o complexo processo de alfabetização do aluno, como aponta Frade (2005, p. 18), quanto mais adequadas são as intervenções do professor, maiores serão as reações positivas dos sujeitos, que também aprendem juntos na escola, com colegas e com o direcionamento adequado de sua

aprendizagem pelo professor. Portanto, quais são as ações que o professor deve ter afim de propiciar a aprendizagem eficiente do aluno? Segundo Daros e Paula (2011, p. 50):

Neste sentido é importante considerar que trabalho em sala de aula exige mais que uma visão ampla do programa de ensino adotado pelo professor, pois é preciso ter um conhecimento profundo das práticas de linguagem e do nível de aquisição/apropriação da língua e da língua escrita pelos alunos.

Alunos copistas passam despercebidos na sala de aula por falta de atenção, contato direto com alunos e de investigação da leitura e da escrita. A avaliação e o diagnóstico são indispensáveis no processo de alfabetizar, não a avaliação tradicional que visa somente a nota do aluno, mas a avaliação que permite o diagnóstico das hipóteses que o aluno levantou sobre a leitura e sobre a escrita, e em qual nível ele está, para que assim o professor saiba qual deve ser a próxima intervenção a ser feita (DAROS e PAULA, 2011). O mapeamento das habilidades do aluno também pode ajudar o professor a identificar o que o aluno já sabe e o que ele ainda não sabe acerca da leitura e da escrita, facilitando assim suas decisões relativas as próximas intervenções a serem realizadas. Ler e escrever são processos complexos que exigem do aluno e dos professores paciência e dedicação. É importante lembrar que não existe uma receita ou um método totalmente certo neste processo, cabe aos profissionais de educação avaliar os alunos e como intervir de forma correta para auxilia-los a evoluir gradativamente até alcançar o objetivo que é aprender a ler e escrever com fluência e autonomia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho buscou analisar porque algumas crianças se tornam copistas, mesmo passando pelo processo de alfabetização. Entende-se que os alunos copistas não atribuem sentido ao que copiam e não sabem ler por não compreenderem que a escrita é uma representação da linguagem oral e por não conseguirem fazer as associações entre as letras e os sons. Constata-se que o copismo é um déficit no processo de alfabetização que precisa de mais estudos e pesquisas, e também precisa ser conhecido pelos alfabetizadores e educadores, para que ao se depararem com este cenário saibam com o que estão lidando e como proceder.

Existem ainda outros aspectos que influenciam neste cenário, como salas de aulas cheias que dificultam que professor tente resgatar os alunos com tais dificuldades, podendo prejudicar todo o restante da turma ao fazê-lo.

Compreende-se que o copismo não apresenta uma resolução rápida, é necessário muito trabalho com os alunos copistas, pois é um processo gradativo, aos poucos os alunos irão se desenvolver, contanto que sejam feitas as intervenções pedagógicas corretas, que auxiliem o aluno a compreender o sistema alfabético e a representação da linguagem.

Destaca-se o papel das políticas públicas neste cenário, pois tais não permitem a reprovação dos alunos até a 2ª série do Ensino Fundamental, o que contribui para que alunos que não foram alfabetizados, neste caso alunos copistas, cheguem até o 3º ou 4º ano sem saber ler e escrever, causando ainda mais desgaste destes alunos e dos professores.

Nesse contexto, o método fônico e a consciência fonológica se mostraram relevantes para evitar o copismo e auxiliar alunos que já são copistas, porque ele trata o que foi identificado como o principal gerador deste fenômeno, a dissociação entre letra e som. Entretanto, é importante ressaltar que este não é o único método necessário para a alfabetização com sucesso, cabe aos professores analisar e avaliar os alunos e intervir da melhor maneira de acordo com a situação de cada aluno.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base> Acesso em: 10/12/2020

CAPOVILLA, Alessandra G. S.; CAPOVILLA, Fernando C. **Alfabetização: Método fônico**. Editora MEMNON, Capes, Inep, Fapesp e CNPq. São Paulo, 2007, 4ª edição revisada e ampliada. Disponível em: <http://files.dinaprofessora.webnode.com.br/200000005-2363c245db/m%C3%A9todo%20fonico%20Capovilla.PDF> Acesso em: 17/10/2020

CHAIKLIN, Seth. A zona de desenvolvimento próximo na análise de Vigotski sobre aprendizagem e ensino. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 16, n. 4, p. 659-675, Dec. 2011. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722011000400016

Acesso em: 30/09/2020.

CRUZ, Michelle Brugnera; COSTA, Adriana Corrêa. Crianças que escrevem, mas não lêem: dificuldades iniciais na alfabetização. **Revista psicopedagogia**. São Paulo, v. 25, n. 77, p. 120-131, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862008000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20/08/2020.

DAROS, Thuinie Medeiros Vilela; PAULA, Flávia Anastácio. Diagnóstico do Aprendizado na Alfabetização. **Revista Pleiade**, Foz do Iguaçu v. 10, n. 10, jul. /dez 2011. Disponível em: <https://pleiade.uniamerica.br/index.php/pleiade/article/view/165/145> Acesso em: 13/11/2020

FERREIRO, Emilia. A representação da linguagem e o processo de alfabetização. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo (52): 7 – 17 fev. 1985. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6135820> Acesso em: 24/03/2020.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Métodos e didáticas de alfabetização: história, características e modos de fazer de professores. **Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale) e Ministério da Educação (MEC)**, 2005-2007 Belo Horizonte. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/files/uploads/Col.%20Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20e%20Letramento/Col%20Alf.Let.%2008%20Metodos%20didaticas%20alfabetizacao.pdf> Acesso em: 16/04/2020.

FREITAS, Gabriela Castro Menezes de. Consciência fonológica: rimas e aliterações no português brasileiro. **Letras de hoje, Publicações EDIPCRS**. Porto Alegre, v. 38, junho 2003. Disponível em: <file:///C:/Users/Geral/Downloads/14096-Texto%20do%20artigo-53917-1-10-20130611.pdf> Acesso em: 04/12/2020

NASCIMENTO, João Carlos Hipólito Bernardes do; NOSSA, Valcemiro; BALASSIANO, Moisés. O Analfabetismo Funcional e a Contabilidade: Um Estudo Exploratório com Alunos Concluintes da Graduação das Instituições de Ensino Superior do Estado do Espírito Santo. **Sociedade, Contabilidade e Gestão UFRJ**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, set/dez 2013. Disponível em: <http://www.atena.org.br/revista/ojs-2.2.3-06/index.php/ufrj/article/view/1937/1771> Acesso em: 03/10/2020

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Avaliação nacional da alfabetização**, Brasil – atualizada em 25/10/17 disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/36188> acesso em: 02/04/2020

RUBINO, Rejane B. and FRAGELLI, Ilana Katz Zagury. O sujeito e o copista: uma discussão sobre o impedimento na escrita. **Revista brasileira de Educação: PSICANALISE, EDUCACAO E TRANSMISSAO**, 6., 2006, São Paulo. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC000000032006000100037&script=sci_arttext&lng=pt Acesso em: 08/03/2020.

SISTEMA DE AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA AVALIAÇÃO NACIONAL DA ALFABETIZAÇÃO. **Apresentação com os resultados**, Edição 2016 Brasília-DF | Outubro 2017 disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=75181-resultados-ana-2016-pdf&category_slug=outubro-2017-pdf&Itemid=30192 acesso em: 02/04/2020

SOARES, Magda Becker; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Caderno do professor: Alfabetização e letramento. **Ministério da Educação (MEC) e Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale)**. Belo Horizonte, 2005. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/47732747/Alfabetizacao_e_Letramento.pdf?1470163292=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DAlfabetizacao_e_Letramento.pdf&Expires=1602974745&Signature=QrtDyQqU6xLdVfkV9goa2O6hK0nz3tXww0vzY1nt1oR~IEfRcH9OUztb38gUQKe5djrsopsZNMjog7th9InJChJHyLjw~1I~XUOB8qVQpVqOj4eLnz6rZMc3tpcLhlnTq87glFCj2hrzb23-oc-tHytPRqinYyNo5eX3jUAcQRsxdgsBQ-3N-nF2fjdFt5KRfKl4Hlr9xErljRsmxsYm75uP7BYF804U-BdJTvkmERDAawP3kfu7m1J26K~2uBdbyYwcBNVIEE7Ysk~m4S5dY8R73IFPfyIXHb6qy9GDqtVQ3Lfay9PI5HpL2uvVQEmqDTZ~~HRJWSZ7XE-goUhB5A_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA Acesso em: 17/10/2020

TEMPLE, Giuliana Carmo; SOUZA, Marilene Proença Rebello de. **Alunos copistas**: uma análise do processo de escrita a partir da perspectiva histórico-cultural. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.sapili.org/livros/pt/cp030073.pdf> Acesso em: 20/08/2020.